

TABULEIRO DE LETRAS

Por uma puríssima eliminação do indizível na linguagem: de Walter Benjamin ao Bartleby de Giorgio Agamben

Pour une purissime élimination de l'indicible dans le langage: de Walter Benjamin au Bartleby de Giorgio Agamben

Isabela Pinho¹

RESUMO:

O presente artigo tem em vista a proposta benjaminiana, tal como foi herdada por Giorgio Agamben, de uma "puríssima eliminação do indizível na linguagem". Para pensá-la, teremos em vista a fórmula de Bartleby, "*I would prefer not to*", como possibilidade de fazer uma experiência com a linguagem para além de seu elemento negativo constitutivo: o indizível ou o inefável. Nesse sentido, faremos uma pequena incursão no ensaio "Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem" (1916) de Benjamin, a fim de verificar a relação de culpa que acomete o homem falante em relação ao que o filósofo chama de *Médium* da linguagem. Retornaremos, então, à singular leitura de Agamben acerca da questão da linguagem em Benjamin, para pensar a fala de Bartleby como uma fala livre de sua relação de débito com o indizível constitutivo da linguagem, já que Bartleby, ao ocupar o limiar entre silêncio e fala, não parece ter verdadeiramente nada a dizer, mas simplesmente fala.

Palavras-chave: Linguagem; Indizível; Benjamin; Agamben.

RÉSUMÉ:

Cet article cible la proposition benjaminienne, telle qu'elle a été héritée par Giorgio Agamben, d'une "purissime élimination de l'indicible dans le langage". Pour y penser, on va prendre en compte la formule de Bartleby, "*I would prefer not to*", comme une possibilité de faire une expérience avec le langage au-delà de son élément négatif constitutif: l'indicible ou l'ineffable. Dans ce sens, on va faire une petite incursion dans l'essai "Sur le langage en général et sur le langage humain" (1916) de Benjamin dans le but de vérifier la relation de culpabilité qui affecte l'homme parlant par rapport à ce que le philosophe appelle *Médium* du langage. On reviendra, alors, à la singulière interprétation d'Agamben concernant la question du langage chez Benjamin pour penser la parole de Bartleby comme une parole délivrée de sa relation de dette par rapport à l'indicible constitutif du langage, dans la mesure où Bartleby, en occupant le seuil entre silence et parole, ne paraît pas avoir vraiment rien à dire, mais parle simplement.

Mots-clés: Langage; Indicible; Benjamin; Agamben.

1. *Experimentum linguae*: algumas provocações

¹ Mestre em Filosofia – UFF. Doutoranda em Filosofia – UFRJ. isabelafpinho@gmail.com

Toda obra escrita pode ser considerada como o prólogo (ou melhor, como *a cera perdida*), de uma obra jamais escrita, que permanece necessariamente como tal, pois, relativamente a ela, as obras sucessivas (por sua vez prelúdios ou decalques de outras obras ausentes) não representam mais do que estilhas ou máscaras mortuárias.²

É com essa bela frase, que marca a relação entre a escrita e a morte, entre a escrita e a morte das possibilidades de escrita não atualizadas, que Agamben inicia seu prefácio póstumo à edição francesa de *Infância e História, destruição da experiência e origem da história* (1977), intitulado *Experimentum Linguae* (1989). Segundo Agamben, a obra ausente, ou a cera perdida desse livro teria por título *A voz humana* ou *Ética ou da voz* e uma das questões mais prementes por ele levantada seria a questão acerca da relação entre a voz (*phoné*) e a linguagem (*lógos*). Justamente por isso, dirá Agamben, não será por acaso que ali, em *Infância e História*, o conceito de infância tenha sido pensado não como um lugar cronológico ou como um estado psicossomático tratados por uma psicologia e por uma paleoantropologia quaisquer, mas sim como uma tentativa de pensar os limites da linguagem em uma direção que não é aquela, trivial, Agamben nos diz, do inefável.

Ao contrário, para Agamben, o inefável, ou o "inconexo", o "irrelato" seria de fato uma categoria pertencente somente à linguagem humana, pois, longe de assinalar um limite da linguagem, ele exprime seu invencível poder pressuponente, "de maneira que o indizível é precisamente aquilo que a linguagem deve pressupor para poder significar".³ Isso quer dizer que pensar os limites da linguagem seria pensar a linguagem para além do indizível, ou do inefável, como seu elemento negativo constitutivo. Justamente por isso, Agamben, ainda em seu prólogo, apresenta algumas distinções que, de fato, aparecem como fragmentos em suas inúmeras obras posteriores, que corroborariam o que ele chama aqui de um pensamento trivial acerca dos limites da linguagem.

De maneira geral, assim como apresentado no prefácio, para Agamben, a distinção encontrada em Benveniste entre *langue*⁴ e *parole*,⁵ entre semiótico e semântico, equivalente aqui, no prefácio, à distinção aristotélica entre potência (*dýnamis*) e ato (*energéia*), pertenceria a uma concepção de linguagem que mantém em si como pressuposto um elemento negativo constitutivo. O que quer dizer que, no momento da fala como expressão individual

² AGAMBEN, G. *Infância e História, destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 10.

³ *Ibidem*, p. 11.

⁴ Língua, como sistema ou como estrutura específica da linguagem humana.

⁵ Discurso ou fala como expressão individual.

de um sujeito, este estaria em relação com a língua como estrutura linguística, na forma de uma suspensão, mas que também é, ao mesmo tempo, uma inclusão dessa língua. Mas Agamben parece estar à procura de um *experimentum linguae* que desative a relação pressuponente da linguagem, ou seja, que desative a relação entre língua e fala em que a língua apareça como elemento negativo constitutivo da fala, ou a relação entre *phoné* e *lógos* em que a *phoné* apareça como elemento negativo constitutivo, incluído e imediatamente excluído, do *lógos*. Por isso, Agamben afirma que aquilo de que se tem experiência no *experimentum linguae* não é meramente uma impossibilidade de dizer, pois se trata, para ele, muito mais de "uma impossibilidade de falar a partir de uma língua", isto é, trata-se aqui de "uma experiência – através da morada infantil na diferença entre língua e discurso – da própria faculdade ou potência de falar".⁶ Talvez também por isso Agamben se afaste aqui de uma das grandes influências de sua obra, Martin Heidegger, de quem foi aluno nos famosos seminários de *Le Thor*, ao dizer que se a experiência com a linguagem sobre a qual Heidegger fala só é feita "lá onde os nomes nos faltam, onde a palavra se parte em nossos lábios",⁷ a aposta da infância seria a de que é "possível uma experiência da linguagem que não seja simplesmente uma *sigética*,⁸ ou uma insuficiência dos nomes, mas da qual se possa, ao menos até certo ponto, indicar a lógica e exhibir o lugar e a fórmula".⁹

A pergunta que motiva o presente artigo é então a seguinte: em que sentido a fórmula de Bartleby "*I would prefer not to*", personagem de *Bartleby, the scrivener* de Herman Melville, sobre o qual Agamben escreve seu *Bartleby, ou da contingência* (1993) alguns anos após a escrita do prefácio póstumo (1989) de *Infância e História* (1977), poderia nos remeter a esse *experimentum linguae*? Se o *experimentum linguae* pretende indicar a zona de indeterminação entre língua e discurso ou entre voz e linguagem a partir de uma desarticulação entre esses pares de opostos em que um não mais apareça como o elemento negativo constitutivo do outro, o que Agamben chama de poder pressuponente da linguagem, será justamente nesse sentido que a fórmula de Bartleby será compreendida em *Bartleby, ou da contingência*. Dessa maneira, não só o *Bartleby* de Agamben, como também a sua obra

⁶ AGAMBEN, G. *Infância e História, destruição da experiência e origem da história*, p.14.

⁷ *Ibidem*, p. 13.

⁸ Transcrevo aqui a nota do tradutor da edição brasileira de *Infância e História*: "*sigética* (al. *Sigetik*, a partir do grego *sigan* 'permanecer em silêncio, calar'): termo introduzido por Heidegger (*Beiträge z. Philosophie* [Contribuições à filosofia], n. 37) que designa a 'ciência ou arte (de falar através) do silêncio', apta a 'construir o silêncio na linguagem'; está vinculado a *Erschweigen* 'silêncio ativo, que diz'. Acerca da experiência com a linguagem (*mit der Sprache eine Erfahrung machen*) em Heidegger, Agamben cita o texto "A essência da linguagem" do mesmo.

⁹ AGAMBEN, G. *Infância e História, destruição da experiência e origem da história*, p. 13.

como um todo, podem ser pensados como a cera perdida constitutiva apenas virtualmente em *Infância e História*, o terceiro livro do filósofo italiano, ao qual seu prólogo póstumo faz menção.

Mas, mais ainda, se o único conteúdo do *experimentum linguae* é de que há linguagem, e se Agamben, em um gesto comum em diversas de suas obras, se afasta de Heidegger para se aproximar de Benjamin,¹⁰ teremos também em vista no presente artigo a proposta benjaminiana, citada no prefácio póstumo de *Infância e História* e em diversos outros momentos da obra de Agamben, de uma "puríssima eliminação do indizível na linguagem". Pois, como nos diz Agamben, "a singularidade que a linguagem deve significar não é um inefável, mas é o supremamente dizível, a *coisa* da linguagem".¹¹

Para tanto, examinaremos a interpretação agambeniana acerca da questão da linguagem em Walter Benjamin já que essa proposta de "uma puríssima eliminação do indizível na linguagem" é herdada por Agamben, de Benjamin. Justamente por isso, cotejaremos alguns elementos de um hermético ensaio benjaminiano intitulado "Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem", a fim de verificar, em um curto-circuito Benjamin-Agamben, o que expusemos em linhas gerais nestas provocações: a relação entre a linguagem e seu elemento negativo constitutivo, o indizível ou o inefável. Por fim, o que teremos em vista aqui será pensar em que medida a personagem de Melville parece apontar para o lugar e para a fórmula dessa outra experiência, para além do inefável, com a linguagem.

2. Bartleby, o escriba que cessou de escrever

Em uma epígrafe de seu *Bartleby, ou da contingência*, Agamben localiza o *Bartleby, the scrivener* de Melville, em uma constelação literária da qual fazem parte diversas personagens, dentre as quais os anônimos chanceleres dos tribunais kafkianos. O que parece ser o diferencial de Bartleby, para Agamben, seria o que ele chama de uma constelação filosófica dessa personagem, constelação esta "que conteria a cifra da figura que a constelação literária somente se limitaria a traçar".¹² Seguindo essa primeira indicação, teremos em vista

¹⁰ Agamben, em uma entrevista, teria dito que "ao veneno heideggeriano, ele ministrou o antídoto benjaminiano". Cf. DURANTAYE, Leland de la. *Giorgio Agamben, a critical introduction*. California: Stanford University Press, 2000.

¹¹ AGAMBEN, G. *Infância e História, destruição da experiência e origem da história*, p. 11.

¹² AGAMBEN, G. *Bartleby, ou da contingência*. Trad. Vinícius Honesko. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 11.

aqui essa constelação filosófica, no que diz respeito, especialmente, à linguagem, ainda que aqui ela se refira à questão da potência, em um diálogo, sobretudo, com Aristóteles.

Como sabemos, *Bartleby, the scrivener* é um conto de Hermann Melville sobre um pálido e enigmático escriturário que um dia prefere não mais copiar. O conto possui toda a atmosfera de um conto kafkiano, além de um tema em comum, o mundo do direito e da lei. E, assim como em muitos dos textos e parábolas de Kafka, sabemos que também em *Bartleby* o sentido não será inteiramente dado e o leitor deverá se abrir para algo da ordem do inapreensível e do mistério. De início, Bartleby parece funcionar na narrativa como um intermediário entre duas personagens, Turkey e Nippers, os outros dois copistas do escritório. Se Turkey, após o meridiano, fica demasiadamente ativo, inflamado, caprichoso e barulhento, Nippers, na parte da manhã, apresenta certo nervosismo e irritabilidade causados pela má digestão; mudanças de humor que as demais personagens, o chefe e narrador da história, e Ginger Nut, o moço de recados, tinham de saber lidar. Já a figura de Bartleby é apresentada posteriormente e introduzida na narrativa em resposta a um anúncio de jornal demandando contratação.

Bartleby, em seu primeiro aparecimento, é caracterizado como uma figura "*pallidly neat, pitiably respectable, incurably forlorn*"¹³ (lividamente asseada, piedosamente respeitável, incuravelmente desvalida!)¹⁴ e já de início, após ser colocado atrás de um biombo, longe da vista dos demais, esse homem quieto e fantasmagórico passa a copiar os documentos legais incessantemente, com uma "*incessant industry*". Mas, no momento em que demandam que ele leia a cópia dos escreventes, ele emite pela primeira vez a enigmática fórmula: "*I would prefer not to*" ("preferiria não"). E logo após, quando ele deveria checar a cópia do documento legal com o original, novamente ele diz: "*I would prefer not to*". A partir de então, essa fórmula é repetida inúmeras vezes, até que Bartleby desista de vez de copiar, e ainda após essa desistência a fórmula germina e prolifera no romance, como nos diz Deleuze em seu comentário.¹⁵ Ainda sem adentrarmos propriamente na interpretação de Agamben, poderíamos pensar que esse "parar de copiar" não é um não fazer, mas sim um fazer que desfaz o nexo entre origem (os documentos legais originais) e cópia (a cópia dos documentos originais), já que na cópia o original estaria sendo mantido em suspenso como seu elemento negativo constitutivo, incluído e ao mesmo tempo excluído, pois a cópia não é o original.

¹³ MELLVILLE, H. *Bartleby, the Scrivener*, The Norton Anthology of American Literature, volume 1. New York: W.W. Norton & Company, 2013, p. 1108.

¹⁴ Minha tradução.

¹⁵ DELEUZE, G. "Bartleby, ou a fórmula", *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.

Parece ser justamente esse parar de copiar a partir da fórmula "*I would prefer not to*" que interessa aqui a Agamben.

De fato, a relação entre origem e cópia, que pode ser pensada a partir do conto de Melville, parece servir de referência para Agamben em seu comentário. Por isso, e não por acaso, a primeira parte do livro *Bartleby, ou da contingência* de Agamben se chama "O escriba, ou da criação", e será em uma terceira seção dessa primeira parte que Agamben comentará determinados tratados cabalísticos sobre a criação do mundo, compostos por Abraão Abulafia em Messina, entre 1280 e 1290. O que parece conter de importante nesses tratados, trazidos ao público somente no século XX por Moshe Idel e Gerschom Scholem, para Agamben, é uma concepção da criação divina como um ato de escritura, "no qual as letras representam, por assim dizer, o veículo material por meio do qual o verbo criador de Deus – assimilado a um escriba que move a sua pena – incorpora-se às coisas criadas".¹⁶ E Agamben, por meio de uma citação dos tratados cabalísticos de Abulafia, destacará que "o segredo que está na origem da multidão das criaturas é a letra do alfabeto e toda letra é um signo que se refere à criação".¹⁷

Para além da discussão central desse livro de Agamben – que é aquela da pura potência do pensamento travada em um diálogo direto com Aristóteles e seus leitores, dentre eles o pouco conhecido autor dos acima citados tratados cabalísticos – o que essa concepção de uma criação divina como escritura, em que a letra aparece como o que está na origem da multidão das criaturas, pode nos trazer é justamente uma relação de exclusão-inclusiva ou inclusão-exclusiva entre letra e escritura. Isso quer dizer que a letra como elemento originário da escritura deve ser mantida em suspensão, suspensão que é ao mesmo tempo e imediatamente uma inclusão, para que a escritura possa significar. Em analogia, tanto na leitura quanto na escrita, para apreender o sentido do escrito ou do lido deve-se abstrair, uma abstração na maneira de uma inclusão, do substrato material do escrito: a letra. Então, o que significa a letra?

Ainda nesse terceiro item dessa primeira seção, intitulada "O escriba, ou da criação", Agamben citará outro autor pouco conhecido para a história da filosofia ocidental, Ibn-Arabi, e sua possível resposta para a pergunta acerca do que significa a letra. No segundo capítulo do livro *As iluminações de Meca*, capítulo dedicado à "ciência das letras", ciência que assinala, segundo Agamben, a passagem do inexprimível para o exprimível, no processo do

¹⁶ AGAMBEN, *Bartleby, ou da contingência*, p. 15.

¹⁷ *Ibidem*, p. 15.

conhecimento, e a passagem da potência ao ato, no processo da criação, Ibn-Arabi definirá a "existência, o ser puro, que para os escolásticos é simplesmente o inefável", como "uma letra da qual tu és o sentido".¹⁸ Se a letra, como origem da escritura ou da criação, é pensada como um inefável, como um indizível, sabemos que Bartleby, o escriturário que não escreve, renuncia tanto à letra quanto à escritura. O parar de copiar de Bartleby pode ser entendido, então, como um desenlace entre origem e cópia, letra e escritura, inexprimível e exprimível, potência e ato. E também por isso Agamben chegará a afirmar que não a escrita - que se mantém em relação com a letra na maneira de uma exclusão-inclusiva - mas sim "a cândida folha, é o que a filosofia não quer de nenhuma maneira esquecer".¹⁹

Será justamente nesse sentido que na última seção da última parte de seu livro, intitulada "O experimento, ou da descrição", Agamben recusará a interpretação do homem da lei no conto de Melville acerca do enigma de Bartleby. Ao recusar a explicação psicologizante do homem da lei de que Bartleby teria levado ao extremo sua inata e estranha disposição e de que seu comportamento e sua insensata fórmula poderiam ser explicáveis pelo fato de ter trabalhado no *Dead letters office* de Washington (Departamento das Cartas Mortas), Agamben interroga mais precisamente "o nexos particular que une as 'cartas mortas' à fórmula de Bartleby".²⁰ As cartas mortas, cartas que nunca foram entregues aos seus destinatários, destinadas porém indistináveis, também podem ser pensadas como letras mortas, pois tanto a palavra inglesa *letter* quanto a palavra italiana *lettera*, podem significar tanto carta quanto letra. Assim, se a letra é a origem, incluída a partir de uma suspensão, da escritura, a letra será sempre morta, apontará sempre para uma negatividade constitutiva, e por isso o parar de copiar de Bartleby aponta para uma ultrapassagem tanto da escritura quanto da letra.²¹ Por isso, também, Agamben fala nessa terceira seção de um experimento de descrição, no lugar de uma recriação, ou no lugar de uma cópia eterna da escritura, em que a letra permaneça como elemento negativo constitutivo da escritura. Mas, e essa é a nossa

¹⁸ *Ibidem*, p. 17.

¹⁹ *Ibidem*, p. 20. Mais adiante chegaremos ao esclarecimento dessa "cândida folha", nas palavras de Agamben, que a filosofia não quer esquecer.

²⁰ *Ibidem*, p. 49.

²¹ E será por esse motivo que Agamben fará um apontamento a ser desdobrado em sua obra posterior, sobretudo na tetralogia *Homo Sacer*: a possibilidade de uma comunidade para além da lei. Pois como nos diz Agamben, a frase que Melville pôs na boca do homem da lei acerca de tais cartas, "*on errands of life, these letters speed to death*", seria uma camuflagem da passagem em Romanos 7,10 que diz "*and the commandment, which was ordained to life, I found to be unto death*". Para Agamben, no texto paulino o *commandment*, o mandamento, seria aquele da lei, da qual o cristão foi libertado, como se pode ler em outra passagem "*the letter killth, but the spirit giveth birth*". Assim, em diversos apontamentos que também serão desdobrados em *O tempo que resta*, Agamben afirmará que "não apenas a relação entre Bartleby e o homem da lei adquire novo sentido, mas também aquela entre Bartleby e a escritura. Bartleby é um *law-copist*, um escriba em sentido evangélico, e o seu renunciar à cópia é também um renunciar à lei, um liberar-se da antiguidade da letra". *Ibidem*, p. 51.

questão aqui, como poderíamos pensar um experimento de descrição em termos de linguagem? Se Agamben fala de um experimento, será que esse experimento nos reenviaria ao início de nossa jornada, quando falamos em um *experimentum linguae*? Essas questões nos levarão certamente à análise da fórmula de Bartleby e de seus efeitos na linguagem.

3. A fórmula, ou da linguagem

Entre "O escriba, ou da criação" e "O experimento, ou da descrição", primeira e última seções do texto de Agamben, será em "A fórmula, ou da potência" que encontraremos uma análise minuciosa da fórmula de Bartleby. Agamben iniciará essa seção novamente apontando para a imagem da folha em branco, pois com seu "preferiria não" Bartleby se encontraria obstinadamente, entre a letra e a escritura, "no abismo da possibilidade, sem deletar a menor pretensão de sair".²² O que nos interessa aqui, porém, é que a fórmula "preferiria não" parece produzir um uso não comunicativo da linguagem e, por isso, parece apontar para o que, alguns anos antes, Agamben chamou de *experimentum linguae* em seu prefácio póstumo de *Infância e História*.

²² *Ibidem*, p. 26 Em linhas gerais, a folha em branco pode ser pensada aqui como uma potência absoluta, localizada no limiar entre potência de sim e potência de não. Pois Bartleby não permanece em uma potência negativa anterior ao ato, mas aponta para o que Agamben chama de uma potência mais perfeita, a pura potência do pensamento. A potência absoluta seria aquela, por exemplo, de um tocador de flauta no momento em que ele não toca, ou a de, no caso de Bartleby, um escrevente no momento em que ele não escreve. Assim, segundo a interpretação de Agamben, Bartleby, ao renunciar à escrita, faz a experiência da potência mais absoluta, faz a experiência da potência mais própria já que pode escrever tanto quanto pode não escrever. Nesse sentido, Agamben dirá que "o preferiria não" de Bartleby localiza-lhe no âmbito do poder para além do querer ou do dever, pois "ele conseguiu poder (e não poder) sem, em absoluto, querê-lo. Daí a irredutibilidade do seu 'preferiria não'. Não é que ele não queira copiar ou que queira não deixar o escritório - apenas preferiria não fazê-lo. A fórmula, tão meticulosamente repetida, destrói toda possibilidade de construir uma relação entre poder e querer (...). Ela é a fórmula da potência". *Ibidem*, p. 27. Essa proposição de Agamben é, na realidade, a conclusão de toda sua discussão acerca da potência travada desde o início do texto. Se Agamben abre seu *Bartleby, ou da contingência* fazendo uma alusão ao verbete de um léxico bizantino intitulado Suda que define Aristóteles como "o escriba da natureza, que molha a pena no pensamento", ele o fará para chamar atenção para o fato de que o *nous* é comparado a um tinteiro em que o filósofo molha a própria pena. A partir de então Agamben afirmará que a concepção do pensamento como um ato de escritura proveria, em realidade, de uma passagem do terceiro livro do *De anima* de Aristóteles em que o autor compara o *nous*, o intelecto ou o pensamento em potência, a uma tabuleta para escrever sobre a qual nada está escrito ainda. Assim, se um dos métodos de escrita consistia em uma tabuleta para escrever coberta por uma cera sobre a qual o estilete grava os caracteres, e se a natureza do pensamento em potência e o modo de sua passagem ao ato foram comparados a essa tabuleta, Agamben dirá que, na realidade, não a tabuleta para escrever, mas sim a cera por cima desta poderia ser comparada à pura potência do pensamento. Pois, "o pensamento existe como uma potência de pensar e de não pensar, como uma tabuleta encerrada sobre a qual nada ainda está escrito". *Ibidem*, p. 14. É justamente nesse sentido que Bartleby, o escrevente que cessa sua escritura, ocupa o limiar entre letra e escritura e aponta para a experiência da potência do pensamento representada no texto de Agamben tanto pela cera sensível da tabuleta de escrever quanto pela folha branca na qual nada ainda está escrito.

Nesse sentido, será a partir do comentário de Deleuze ao *Bartleby, the scrivener* de Melville, que Agamben apontará para a agramaticalidade da fórmula "*I would prefer not to*" e a aproximará, assim como o faz Deleuze, de outras expressões agramaticais como a expressão "*j'en ai un de pas assez*" ("tenho um de não suficiente") e "*he danced his did*" ("ele dançou seu pôs")²³ em Cummings. Agamben dirá, com Deleuze, que assim como as expressões acima, a fórmula de Bartleby produz uma dificuldade para a comunicação, mas que, mais que isso, ela desconecta as palavras e as coisas, as palavras e as ações, os atos linguísticos e as palavras: "ela suprime a linguagem de toda referência, segundo a vocação absoluta de Bartleby, ser um homem sem referência, aquele que surge e desaparece, sem referência nem a si nem a outro".²⁴ A fórmula abriria assim uma zona de indiscernibilidade entre o sim e o não, entre o aceitar e o recusar, o preferível e o não preferido, de forma que o "*to*" que a conclui se absolutizasse até perder toda referência, "voltando-se, por assim dizer, sobre a própria frase: anáfora absoluta, que gira sobre si mesma, sem se remeter mais nem a um objeto real nem a um termo anaforizado (*I would prefer not to prefer not to...*)".²⁵

Ao apontar para esse duplo caráter da fórmula, de ser tanto sem referencial quanto uma anáfora absoluta, Agamben parece dizer que a fórmula não tem em vista a comunicação de algo, por meio de si mesma, mas que comunica a própria comunicabilidade da linguagem, o próprio fato de que há linguagem. Ela não funciona como um meio para determinados fins, tais como a comunicação, a referência à coisa, mas parece ser um meio em si mesma. Por isso o "*to*" que a conclui parece remetê-la para algo da ordem do indecível: nessa fórmula, poderíamos dizer, é a linguagem que comunica a si mesma.

Será nesse sentido que Agamben, à procura de uma possível proveniência na história da filosofia para a fórmula de Bartleby, aproximá-lo-á do "*ou mâllon*", o "não mais" com o qual os cétricos exprimiam o que Agamben chama de seu *páthos* mais próprio: a *epoché*, o estar suspenso. Para Agamben, por intermédio de Diógenes Laércio, Pirro e Sexto Empírico, o "não mais" não é um mero comparativo, mas possui um particular estatuto autorreferencial, pois como nos diz este último, "assim como a proposição 'todo discurso é falso' diz que, ao mesmo tempo que outras proposições, também ela é falsa, do mesmo modo a fórmula 'não mais' diz que ela mesma é mais que não é...".²⁶ Assim, tanto o "não mais" dos cétricos quanto o "preferiria não" de Bartleby, para Agamben, apontam para um limiar, na maneira de uma

²³ Optei por fazer traduções literais das frases, a fim de mostrar a agramaticalidade a qual Agamben se refere.

²⁴ AGAMBEN, *Bartleby, ou da contingência*, p. 28, 29.

²⁵ *Ibidem*, p. 29.

²⁶ *Ibidem*, p. 30.

suspensão, entre consentir e refutar, afirmar e negar, aceitar e recusar, colocar e retirar. Ademais, à procura de uma outra via de aproximação entre o "não mais" e o "preferiria não", Agamben se deparará com a seguinte citação de Sexto Empírico: "e eis a coisa mais importante: no enunciado dessa expressão o cético diz o fenômeno e anuncia o *pathos* sem opinião alguma [*apaggelleu to pathos adoxatos*]". Em busca do que significaria a expressão *pathos apaggellei*, segundo Agamben também constitutiva do léxico cético, ele esclarecerá em uma passagem bastante importante que

Aggello, apaggello são os verbos que exprimem a função do *aggelos*, do mensageiro, que simplesmente leva uma mensagem sem lhe acrescentar nada ou que declara performativamente um evento (...). O cético não se limita a opor a afasia à *phasis*, o silêncio ao discurso, mas desloca a linguagem, do registro da proposição, que predica algo de algo (*legen ti kata tinos*), para aquele do anúncio, que não predica nada de nada. Mantendo-se na *epoché* do 'não mais', a linguagem faz-se anjo do fenômeno, puro anúncio da sua paixão. Como precisa o advérbio *adoxastós*, paixão não indica aqui nada de subjetivo; o *pathos* é purificado de toda *doxa*, de toda aparência subjetiva, é puro anúncio do aparecer, intimação do ser sem nenhum predicado".²⁷

Assim, se a fórmula de Bartleby se aproxima da dos céticos, e se ambos, a partir dessa aproximação, não se limitam a opor a afasia à *phasis* e nem o silêncio ao discurso, mas deslocam a linguagem do registro da proposição para aquele do anúncio, seria Bartleby um mensageiro, um *aggelos*, daquele *experimentum linguae* com o qual abrimos o presente artigo? Se no prefácio de *Infância e História* Agamben está à procura de um experimento com a linguagem que não seja nem meramente a impossibilidade de dizer e nem uma fala comprometida com seu elemento negativo constitutivo, mas sim uma experiência da própria "faculdade" ou potência de falar, Bartleby não seria justamente o mensageiro dessa experiência? Mas, como mensageiro, sabemos que Bartleby, ex-funcionário do *Dead letters office*, ignora o conteúdo das cartas/letras que lhes foram confiadas, pois essas *letters* são sempre letras mortas, destinadas, porém indestinaíveis. Pois, justamente por isso, o que a fórmula de Bartleby anuncia é o puro anúncio da linguagem, o puro anúncio do aparecer da linguagem, é aquela "puríssima eliminação do indizível da linguagem" a qual Walter Benjamin se refere²⁸ e a qual Agamben parece herdar como tarefa.

²⁷ *Ibidem*, p. 31.

²⁸ Em *Bartleby, a escrita da potência*, o que a fórmula de Bartleby anuncia é uma experiência da pura potência que deve ser pensada tanto em relação com o *Dasein* heideggeriano, quando Heidegger "substitui o eu psicossomático por um ser vazio e inessencial, que é apenas seus modos de ser e tem possibilidade apenas no impossível" (quando se depara com a possibilidade da impossibilidade da morte), quanto com Rimbaud quando este diz "eu é um outro", e com tantos outros citados por Agamben. Cf. *Ibidem*, p. 36. Se a fórmula de Bartleby

4. O tagarelar, a culpa e o indizível: de Walter Benjamin a Giorgio Agamben

Em uma carta datada de junho de 1916, mesmo ano em que Benjamin escreve seu hermético ensaio "Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem", Benjamin recusa o convite de Martin Buber para participar da revista sionista *Der Jude*. Essa recusa se dá porque Benjamin se opõe tão radicalmente a uma concepção da linguagem como um meio para obtenção de fins que não pode consentir sua participação em uma revista a qual pretende fazer justamente esse uso da linguagem, a de ser um instrumento para o ato político. Ao contrário, Benjamin dirá que "eliminar o indizível de nossa linguagem até torná-la pura como um cristal é a maneira que nos é dada e que é a mais acessível para agir no interior da linguagem, e nesse sentido, por ela".²⁹

Mas, o que seria essa "eliminação do indizível de nossa linguagem até torná-la pura como um cristal"? Para entendermos bem a necessidade da proposta benjaminiana, tão cara a Agamben, teremos agora que cotejar alguns elementos do ensaio juvenil de Walter Benjamin, seu "Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem". Nesse ensaio, Walter Benjamin concebe a linguagem de uma maneira bastante abrangente. Essa abrangência pode ser assinalada pelo próprio termo alemão, "*Sprache*", que, similar ao termo grego "*lógos*", significa ao mesmo tempo língua e linguagem. Assim, será por intermédio de uma releitura do Gênesis bíblico que, nesse ensaio, o filósofo decomporá a linguagem em dois planos: o *Médium* da linguagem, e o meio (*Mittel*) da linguagem.

Ao *Médium* da linguagem corresponde a linguagem paradisíaca anterior à queda, produzida pela obtenção do fruto proibido da árvore do conhecimento do bem e do mal. Essa linguagem, a linguagem com a qual deus teria criado o mundo, e da qual Adão participa ao nomear o mundo – de acordo com a segunda criação do mundo narrada no Gênesis da bíblia judaica –, é caracterizada como um meio em si mesma, ou seja, como uma comunicabilidade pura e simples, como a esfera na qual o que se comunica é a própria linguagem, o fato de que

anuncia nesse texto uma experiência de pura potência, nossa proposta foi pensá-la, a fórmula, em termos de linguagem.

²⁹ BENJAMIN, P. Correspondances I, *Correspondances I, (1910-1928)*. Trad. PETITDEMANGE, Guy. Paris: Éditions Aubier-Montaigne, 1979, p. 117.

a linguagem é. É nesse sentido que, segundo Benjamin, podemos compreender a frase de abertura do Gênesis bíblico: "e no princípio era o *lógos*".

Nesse sentido, é no nome, esse *Médium* da linguagem, essa esfera transcendental na qual ainda não há sujeito ou objeto da linguagem, que o conflito entre expresso e exprimível e inexpresso e inexprimível, comum a toda configuração linguística, não se dá. No nome, a linguagem é sua pura expressão e não conhece o inexprimível, assim como o conceito de revelação (*Offenbarung*), na esfera da religião, não conhece o inexprimível. Aqui, portanto, poderíamos indagar: teria sido justamente para essa esfera da linguagem que a fórmula de Bartleby nos encaminhou, já que ela, assim como o "não mais" dos cétricos, anuncia um puro anúncio do aparecer da linguagem purificado de toda aparência subjetiva? Na continuação do "Sobre a linguagem" de Benjamin e em uma aproximação com o Bartleby de Agamben veremos que Bartleby não permanece nem na esfera da linguagem como *Médium* e nem na esfera da linguagem como *Mittel*.

Importante para nós agora é o fato de que é justamente dessa esfera dos puros nomes que o homem se distancia ao provar do fruto proibido da árvore do conhecimento do bem e do mal. Assim, a queda do paraíso representa, para o homem, o afastamento da língua paradisíaca, a língua do conhecimento perfeito, em direção a um conhecimento "nulo", exterior: "o saber sobre o que é bom e o que é mau não tem a ver com o nome, é um conhecimento exterior, a imitação não criativa da palavra criadora".³⁰ Se o nome conhecia imediatamente as coisas por intermédio da palavra divina, a partir do pecado original a linguagem torna-se abstrata, torna-se mero signo, de onde mais tarde virá a pluralidade das línguas.

Agora, "a palavra deve comunicar [*Mitteilein*] alguma coisa (fora de si mesma). Esse é realmente o pecado original do espírito linguístico".³¹ De imediata, de puro *Médium*, a palavra torna-se agora mediada, um meio para a comunicação de certos conteúdos, um instrumento da troca intersubjetiva. Por isso, nesse ensaio de 1916, Benjamin aproxima a linguagem abstrata, a linguagem como meio para comunicação de fins exteriores a ela mesma, a linguagem decaída dos juízos, à imagem da tagarelice (*Geschwätz*). Assim, ele diz:

O conhecimento do bem e do mal é - no sentido profundo em que Kierkegaard entende este termo - uma "tagarelice" [*Geschwätz*], e este só conhece uma purificação e uma elevação (a que também foi submetido o

³⁰ *Ibidem*, p. 67.

³¹ *Ibidem*, p. 67.

homem tagarela [*Geschwätzige Mensch*], o pecador): o tribunal. Realmente, para a palavra que julga, o conhecimento do bem e do mal é imediato. Sua magia é diferente da magia do nome, mas é igualmente magia. Essa palavra que julga expulsa os primeiros homens do paraíso; eles mesmos a incitaram, em conformidade com uma lei eterna segundo a qual essa palavra que julga pune seu próprio despertar como a única, a mais profunda culpa - e é isso que ela espera (...). A imediatidade [*Unmittelbarkeit*] [...] da comunicabilidade própria à abstração reside no julgamento [*richterlichen Urteil*]. Essa imediatidade na comunicação da abstração instalou-se como judicante quando o homem, pela queda, abandonou a imediatidade na comunicação do concreto, isto é, o nome, e caiu no abismo da comunicabilidade [*Mittelbarkeit*] de toda comunicação [*Mitteilung*], da palavra como meio [*Mittel*], da palavra vazia [*wortleerheit*], no abismo da tagarelice. A pergunta sobre o bem e o mal no mundo depois da criação foi tagarelice. A árvore do conhecimento não estava no jardim de Deus pelas informações que eventualmente pudesse fornecer sobre o bem e o mal, mas sim como símbolo distintivo da sentença [*Gericht*] sobre aquele que pergunta. Essa monstruosa ironia é o sinal distintivo da origem mítica do direito.³²

Nesse sentido, segundo uma possível interpretação agambeniana, a linguagem humana, a palavra humana, mantém relação com um vazio de informação, já que, como nos diz Benjamin, a árvore do conhecimento não estava no jardim do Éden pelas informações que pudesse fornecer, mas como símbolo distintivo da sentença sobre aquele que pergunta. Por isso, a palavra humana, a palavra que julga, pune seu próprio despertar como a mais profunda culpa – a culpa (*schuld*), a dívida, o estar em débito com o vazio de significado, a partir do qual toda a significação pode surgir, que é também um estar em débito com a linguagem paradisíaca, com o *Médium* da linguagem, contra a qual se pecou. Também por isso a discursividade humana é caracterizada aqui como um tagarelar, pois o tagarelar pode nos remeter justamente à imagem de uma discursividade infinda que, no entanto, não diz nada, motivo pelo qual Benjamin a chama de palavra vazia, já que sempre se mantém em relação com o vazio de significado, com o indizível. Daí provém sua ironia.

Será justamente nesse sentido que Agamben, em um texto intitulado "A ideia da linguagem" encontrado na coletânea de ensaios e conferências no livro *A potência do pensamento*, apresentará o conceito de revelação a partir da tradição teológica judaico-cristã em sua determinação negativa. Em ambos os casos, a tradição teológica judaico-cristã concebeu a revelação como qualquer coisa que a razão humana não pode conhecer por ela mesma: "o conteúdo da revelação não é uma verdade exprimível sob a forma de proposições

³² BENJAMIN. "Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem", p.67 - 69. Tradução levemente modificada. "*Über Sprache überhaupt und über die Sprache des Menschen*", in: *GS*, II - 1, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1991, p. 150 - 154.

linguísticas relativas a isso que é [...] mas, mais ainda, uma verdade relativa à linguagem ela mesma, ao fato de que a linguagem é".³³ Isso quer dizer que o humano que fala, na medida em fala, mantém-se em relação com essa esfera imediata da linguagem, na maneira de uma culpabilidade, seguindo os apontamentos de Benjamin em seu ensaio "Sobre a linguagem". Isso porque a esfera da revelação certamente não nos remete somente a uma esfera anterior à linguagem humana, seguindo a narrativa do Gênesis bíblico, mas, tanto para Benjamin quanto para Agamben, ela deve ser pensada como uma metáfora para uma experiência com a linguagem. Por isso Agamben dirá que o sentido da revelação consiste em mostrar que toda palavra e que todo conhecimento humano encontram sua origem e seu fundamento em uma abertura que os transcende infinitamente, "mas ao mesmo tempo, essa abertura não concerne outra coisa que não a linguagem ela mesma, sua possibilidade e sua existência".³⁴

Essa abertura, esse "puro acontecimento de linguagem além e aquém de toda significação particular",³⁵ como Agamben a define, é exemplificada a partir de uma obscura referência a Gaunilo, um lógico pouco conhecido para a história da filosofia, como o próprio Agamben admite. Gaunilo indicaria um puro ter lugar da linguagem, sem nenhum acontecimento de significação determinado, ao propor a experiência de um bárbaro que, diante de um discurso significante, compreendesse certamente que se trata de um acontecimento na linguagem, que há uma voz, mas que é incapaz de apreender o sentido do enunciado. Assim, o bárbaro diante dessa voz significante, porém que não significa, diz Gaunilo,

não pensa a própria voz, isto é, o som das sílabas e das letras, que é alguma coisa de algum modo verdadeira, mas antes o significado da voz ouvida; mas não da maneira como pensam os que sabem o que é habitual significar com aquela voz (e que a pensam, portanto, segundo a coisa [*secundum rem*], ainda que verdadeira apenas no pensamento), mas antes, como é pensado por quem não conhece seu significado e pensa apenas segundo o movimento da alma que procura representar o efeito da voz ouvida e seu significado.³⁶

Experiência que não é mais aquela de um mero som, mas não é ainda aquela de uma significação, que corresponde ao *Médium* da linguagem do ensaio de 1916 de Benjamin, e que é chamada por Gaunilo de "pensamento da voz ela mesma", ela nos remete à voz como pura

³³ AGAMBEN, "A ideia da linguagem", *A potência do pensamento: ensaios e conferências*. Trad. Antônio Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 25.

³⁴ *Ibidem*, p. 32.

³⁵ *Ibidem*, p. 33.

³⁶ AGAMBEN, "A ideia da linguagem", *A potência do pensamento: ensaios e conferências*. Trad. Antônio Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

indicação de um acontecimento na linguagem, ou ao nome divino, privado de qualquer significação. Segundo Agamben, nos termos da lógica contemporânea, se há essa experiência da revelação, se há uma metalinguagem, não se trata, entretanto, de um discurso significante, mas de uma pura voz insignificante. Para Agamben, no entanto, o discurso filosófico não pode ser meramente uma metalinguagem, ou seja, um discurso que tenha como tema a própria linguagem, justamente porque a voz não diz nada, mas somente se mostra, e nesse sentido, ela não poderia se tornar um tema do discurso. Ou seja, a discursividade humana estaria destinada a manter em suspenso esse "pensamento da voz ela mesma", ou a partir de Benjamin, o *Médium* da linguagem, como aquilo que não pode ser dito, como aquilo que não pode advir ao discurso, mas que na discursividade está virtualmente incluído. Por isso, em "Sobre a linguagem", Benjamin afirma que o homem falante é um tagarela, pois na medida em que fala e que comunica (*Mittel*) ele se mantém em uma relação de débito com o *Médium* da linguagem.

Também por isso Agamben se distanciará de uma interpretação corrente acerca da questão da linguagem em Benjamin a qual pensa o *Médium* da linguagem como uma tarefa infinita. Ao contrário, para Agamben, o *Médium* da linguagem, ou "o pensamento da voz ela mesma" como puro acontecimento na linguagem, se apresenta na discursividade humana como seu pressuposto, como seu elemento negativo, como o que jamais pode advir à fala. Por isso, em sua leitura particular de Walter Benjamin, Agamben dirá que

a verdadeira hermenêutica de um texto é para Benjamin o contrário do que é proposta pela hermenêutica contemporânea, pois se o intérprete presta atenção ao não dito e à infinidade do sentido, não é para os conservar, mas antes para os completar, para os fazer chegar ao fim.³⁷

Por isso, podemos dizer que uma das tarefas da obra de Agamben é a de se dedicar à imagem do tribunal evocada por Benjamin em "Sobre a linguagem". Pois se a pergunta pelo bem e pelo mal foi uma tagarelice, como nos diz Benjamin, a redenção do homem tagarela, do pecador, do homem falante que ao falar mantém-se em uma relação de culpa ou débito com o *Médium* da linguagem, dar-se-ia no dia do juízo, no tribunal. Mas, o que seria uma fala livre de seu elemento negativo constitutivo, aqui pensado com Benjamin como o *Médium* da linguagem, e com Agamben, como um puro acontecimento na linguagem? Se a palavra humana, a palavra mediada, a palavra como meio (*Mittel*) mantém-se em relação com a

³⁷ AGAMBEN, "Língua e História, categorias linguísticas e categorias históricas no pensamento de Walter Benjamin", *A potência do pensamento: ensaios e conferências*. Trad. Antônio Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 43.

linguagem paradisíaca e imediata (*Médium*) na maneira de um estar em débito, como se poderia fazer para "des-operar" essa relação? Em oposição ao que Agamben chamou na citação acima de uma hermenêutica contemporânea, que parece manter-se em relação com o indizível na forma de um ideal,³⁸ com Benjamin, Agamben parece apontar para o que seria o fim dessa relação a partir de uma obscura noção que ele nomeia "a ideia da língua". Assim, Agamben nos diz que "a ideia da língua é a língua que já não pre-supõe qualquer língua e que, tendo consumido em si todo pré-suposto e todo nome, não tem verdadeiramente mais nada a dizer, mas, simplesmente, fala".³⁹

5. Limiar: não mais o inefável, por uma puríssima eliminação do indizível da linguagem

Sabemos que Bartleby, ex-funcionário do *Dead letters office*, é um *aggelos*, um mensageiro, mas um mensageiro que simplesmente leva uma mensagem sem lhe acrescentar nada: suas cartas são destinadas porém indesejáveis. Por isso, se a princípio parece que com sua frase "preferiria não", ele acessa o que Benjamin chamaria de *Médium* da linguagem – a esfera da linguagem em que a linguagem comunica sua comunicabilidade pura e simples e não mais comunica algo através de si mesma (*Mittel*) – sabemos, porém, que com a fórmula ele não se limita a opor a afasia à *phasis*, nem o silêncio ao discurso. Se parece, de fato, que a fórmula de Bartleby possui algum parentesco com o que Agamben chama de um "puro ter lugar da linguagem" e Benjamin chama de *Médium* da linguagem, o importante para nós é que as cartas que ele deveria entregar serão sempre cartas mortas, letras mortas. Por isso Bartleby, alheio ao que parece acessar, "não tem verdadeiramente mais nada a dizer, mas, simplesmente, fala".⁴⁰ Por isso, também, Agamben aproxima o experimento com a linguagem que Melville teria confiado a Bartleby a uma "proposição com que Wittgenstein, na

³⁸ "Tal atitude", nas palavras de Agamben, "(...) é hoje afirmada por uma corrente filosófica que, saída de uma interpretação do pensamento de Heidegger, ganhou, através do matrimônio com a tradição analítica anglo-saxônica, um lugar de relevo na *koine* acadêmica contemporânea". *Ibidem*, p. 42. Como representante da hermenêutica contemporânea Agamben cita, nesse texto, Gadamer. Para Agamben, Gadamer teria concebido a língua universal como um "ideal", no sentido de uma tarefa infinita, ao afirmar que "todo ato de fala, no ato de seu acontecimento, torna ao mesmo tempo presente o não dito a que ela, como resposta e remissão, se refere". *Ibidem*, p. 42. Assim, no ato de fala, o sujeito falante estaria em débito com o não dito, incluído apenas virtualmente em sua fala. É justamente contra uma tal concepção da linguagem que Agamben, com Benjamin, se põe.

³⁹ "Língua e História, categorias linguísticas e categorias históricas no pensamento de Walter Benjamin", *A potência do pensamento: ensaios e conferências*. Trad. Antônio Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 47.

⁴⁰ AGAMBEN, *Bartleby, ou da contingência*, p. 37.

conferência sobre a ética, exprime sua experiência ética por excelência: 'maravilho-me com o céu, esteja ele como estiver', ou ainda: 'estou a salvo, o que quer que aconteça'".⁴¹

No limiar entre *Médium* e *Mittel*, letra e escritura, origem e cópia, silêncio e discurso, língua e fala, *phoné* e *lógos*, inexprimível e exprimível, a fórmula de Bartleby aponta para uma experiência com a linguagem que não é nem aquela para a qual Heidegger, segundo Agamben, apontou – a experiência de uma insuficiência de nomes ou de um silêncio ativo – e nem aquela de uma fala que mantém como seu elemento negativo constitutivo um indizível. Nem entregue à mudez ou ao silêncio, e nem em débito com o que Agamben chama de poder pressuponente da linguagem, com o indizível que a linguagem deve pressupor para poder significar, Bartleby com seu "preferiria não" é uma das figuras para pensarmos essa obscura proposta benjaminiana de uma "puríssima eliminação do indizível na linguagem". Com seu "preferiria não", a fórmula de Bartleby marca uma indiferença entre o sim e o não, o aceitar e o recusar, o preferível e o não preferido, mas, por isso mesmo, nos aponta para a possibilidade de uma fala livre das danças em torno do inexplicável, como disse Agamben certa vez.⁴² Sua fórmula, decididamente na morada infantil dos indecidíveis, nos remete agora diretamente ao *experimentum linguae* com o qual Agamben abre o prefácio póstumo de *Infância e História* e que permanece como a cera perdida de muitas de suas obras.

Referências

AGAMBEN, G. "A ideia da linguagem". **A potência do pensamento**: ensaios e conferências. Trad. Antônio Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. **Bartleby, ou da contingência**. Trad. Vinícius Honesko. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. "Defesa de Kafka contra os seus intérpretes". In: **Ideia da Prosa**. trad. BARRENTO, João. Lisboa: Edições Cotovia, 1999.

_____. **Infância e História**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

_____. "Língua e História, categorias linguísticas e categorias históricas no pensamento de Walter Benjamin". **A potência do pensamento**: ensaios e conferências. Trad. Antônio Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

⁴¹ *Ibidem*, p. 37.

⁴² Cf. AGAMBEN, "Defesa de Kafka contra os seus intérpretes". *Ideia da Prosa*. trad. BARRENTO, João. Lisboa: Edições Cotovia, 1999, p 135, 136.

BENJAMIN, W. **Correspondances I (1910-1928)**. Trad. PETITDEMANGE, Guy. Paris: Éditions Aubier-Montaigne, 1979.

_____. "Notes pour faire suite au travail sur le langage [1915-1916]". **Walter Benjamin**: Cahier de l'herne. Ed. Patricia Lavelle. Paris : Éditions de L'herne, 2013.

_____. "Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem". In: **Escritos sobre mito linguagem**. Trad. Susana Kampff Lagges. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G. "Bartleby, ou a fórmula", **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.

DURANTAYE, L. **Giorgio Agamben: a critical introduction**. California: Stanford University Press, 2000.

MELVILLE, H. **Bartleby: the Scrivener**, The Norton Anthology of American Literature, volume 1. New York: W.W. Norton & Company, 2013.

Recebido em: 17 de novembro de 2015.

Aceito em: 28 de dezembro de 2015.